

Resenha

Nazismo, ocultismo e conspirações

João Fábio Bertonha¹
fabiobertonha@hotmail.com

ALLEGRIITI, P. 2006. O clã de Hitler. São Paulo, Planeta do Brasil, 308 p.

CORES, P.J. 2006. A estratégia de Hitler: as raízes ocultas do nacional-socialismo. São Paulo, Madras, 222 p.

GOODRICK-CLARKE, N. 2004. Sol Negro – Cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. São Paulo, Madras, 416 p.

Na sociedade contemporânea, tudo o que se refere a conspirações tem vendagem garantida. Livros sobre a Opus Dei ou o assassinato de Kennedy ou seriados como “Arquivos X” têm público cativo e representam parte substancial do movimento das livrarias e locadoras. Do mesmo modo, tudo o que se relaciona ao nazismo também atrai a atenção. Não espanta, assim, como livros e revistas sobre conspirações nazistas, sobre o relacionamento do nazismo com o oculto e temas correlatos tenham tanto público no mundo todo e há muito tempo².

Nos últimos anos, contudo, provavelmente na esteira do sucesso dos muitos livros relacionados ao *Código Da Vinci*, temos percebido uma onda de livros e revistas populares relacionados à temática, como uma passagem por qualquer livraria ou banca de jornal pode demonstrar. Vale a pena, portanto, utilizar os livros aqui resenhados como gancho para analisarmos um filão aparentemente inesgotável na cultura contemporânea.

O primeiro livro, o de Pablo Allegritti, defende, em essência, que grandes forças moldam o mundo por trás de nós. Desde a antiguidade, passando pela era medieval e moderna, confrarias e associações secretas estariam conduzindo o destino dos homens. Grupos como os *illuminati*, os cátaros, a maçonaria, a seita Moon, a

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá/PR e Pesquisador do CNPq.

² Ver, por exemplo, para livros disponíveis em português, Angebert (1977) e Pennick (1994).

KKK e outros seriam os verdadeiros agentes da história humana, e, mesmo hoje, confrarias como a *Skull & Bones* seriam chaves para explicar o Império norte-americano, o domínio mundial midiático deste, etc.

Sobre o nazismo, ele indica que sua ideologia veio de velhos mitos persas, druidas e teutônicos e do pensamento de autores como Platão, Wagner ou Nietzsche, todos reciclados e potencializados por confrarias secretas como os Templários, os *illuminati* e outros, indicando os contornos de conspirações que se estendem através dos tempos.

De especial interesse para seu pensamento são sociedades como a *Thule* e a *Vril*. A primeira teria, entre seus adeptos, não apenas Hitler, como Rosenberg, Hess, Haushofer e outros líderes nazistas. Já a *Vril* teria mobilizado imensas energias místicas e ajudado, como a *Thule*, a criar o movimento nazista e a levá-lo ao poder e quase ao domínio mundial. O domínio nazista de “objetos de poder”, como a Lança de Longino (que teria perpassado o corpo de Cristo na cruz), a Arca da Aliança ou o Santo Graal, também seria importante para explicar a ascensão nazista. Nesse contexto, Hitler seria um ocultista, um iniciado, e sua ascensão e queda seriam um efeito disto.

O segundo livro aqui resenhado, o de Pablo Jiménez Cores, se centra no caso nazista e não segue exatamente o mesmo padrão de pensamento do anterior. Mas ele também acredita que os historiadores, por preconceito contra o ocultismo, não conseguem compreender o nazismo e volta a mencionar os cátaros, a sociedade *Thule*, as seitas orientais e a magia astrológica como fontes das crenças e do poder nazista, tanto que Hitler, justamente por temer a “concorrência”, proibiu todas as sociedades esotéricas no Reich já em 1933 (Cores, 2006, p. 103). Hitler, por sua vez, volta a ser apresentado como um iniciado de várias seitas esotéricas racistas, adepto da astrologia e da numerologia e que teria tido sua capacidade oratória e sua força de vontade potencializadas em rituais dentro da sociedade *Thule*.

Como prova de suas teorias, esses autores normalmente mencionam o uso de toda uma simbologia mística pelo nazismo, as inúmeras atividades e crenças esotéricas de Himmler e de outros líderes nazistas, assim como as atividades das divisões da SS devotadas a pesquisas sobre a herança nórdica, a raça ariana, etc. As revistas populares são ainda mais explícitas nessas associações, relacionando o nazismo diretamente ao inferno e Hitler ao demônio.

Não vale a pena discutir as opiniões e idéias presentes nesses textos nem as várias discordâncias e nuances entre eles. Não apenas porque são completamente irrealistas para qualquer um que não compartilhe daquelas

crenças, como porque, normalmente, são livros mal escritos, confusos, etc.

De qualquer modo, nessa massa de material, o que realmente incomoda o historiador é a impossibilidade de confrontar fontes e documentos. Em livros desse tipo – e os aqui mencionados não são exceção –, não há citação correta de documentos nem notas de rodapé, o que impede a verificação da credibilidade das fontes. Depois, estes livros têm por praxe citarem-se uns aos outros. Assim, de citação em citação, um boato acaba por se tornar aceito, mesmo que sem nenhum documento para comprová-lo. Não espanta que expressões como “Afirma-se”, “Corre o boato”, “Correu a história” e outras semelhantes sejam tão comuns nos mesmos.

Na verdade, esse tipo de literatura, sem querer, acaba por acertar em alguns pontos. Ela nos permite recordar como o nazismo é um movimento que flerta com a religião e o irracionalismo, e que, muitas vezes, atitudes e ações nazistas só podem ser compreendidas dentro dessa irracionalidade. O que complica é quando começa a se levar em conta apenas isto e não as realidades objetivas nas quais essas crenças e preconceitos agiram.

Em resumo, entender o nazismo implica sair do racional e entrar no emaranhado de idéias irracionais que eles seguiam. Destas, nem todas tinham origem no ocultismo, mas na mitologia nórdica, nas tradições racistas e anti-semitas européias, etc. É realmente possível, como veremos a seguir, que lojas e associações esotéricas tenham fornecido elementos para a formação do ideário nazista. Os livros aqui resenhados são, assim, úteis ao nos recordarem disto. Mas pecam por exagerarem a influência do oculto sem base documental que o comprove e, especialmente, por efetivamente acreditarem nas conexões místicas do nazismo. Entrar na irracionalidade nazista significa compreender racionalmente as suas crenças, por mais absurdas que sejam, e não acreditar e concordar com elas.

Nesse contexto, o terceiro livro aqui resenhado, o de Nicholas Goodrick-Clarke, curiosamente lançado pela mesma editora que publicou o anterior, representa um alívio. Seu autor é um historiador profissional, doutor pela Universidade de Oxford e, nesse e em outros livros anteriores, procurou adentrar o tema de forma séria. Isso se reflete não apenas no formato do livro, com citações feitas da forma correta, notas de rodapé, uso de bibliografia pertinente, fontes citadas e identificadas com precisão, etc., como, acima de tudo, no tipo de abordagem.

Já no seu famoso livro sobre as origens ocultas do nazismo³, Goodrick-Clarke fez todo um esforço para entender os elementos místicos e religiosos do nacional-socialismo. Ele retornou às sociedades ocultistas e anti-

³ Ver Goodrick-Clarke (1992). Um outro livro, entre outros, que analisa o tema de forma séria é o de Galli (1995).

semitas da Alemanha e Áustria imperiais, as quais defendiam idéias apocalípticas, anti-semitas e de regeneração nacional nórdica e se articulavam em torno de um sem-número de mitos raciais e simbólicos.

Tais mitos e idéias forneceriam, para algumas pessoas daquela época, uma ideologia para a defesa da identidade alemã frente a um mundo em mudança, e muitas dessas mitologias acabaram, associadas a outras influências, por encontrar a sua expressão definitiva na ideologia nazista. Sua sugestão, assim, é simples e bem razoável: mitos e ideais do século XIX acabaram por influenciar a formação da ideologia nazista⁴, o que não significa dizer que estes mitos eram verdadeiros ou que sejam o único elemento a ser levado em conta para entender o nazismo, o que é bastante razoável.

Neste livro em resenha, o seu foco é outro. Ele demonstra como mitos raciais arianos, anti-semitismo, ocultismo e outros tópicos relacionados fornecem um argumento revolucionário a grupos atuais que se sentem ameaçados de perda de identidade e tradição cultural em sociedades multiculturais e multirraciais. Aquelas mesmas idéias e mitologias que surgiram no século XIX e que foram reelaboradas pelo nazismo estariam de volta, recicladas por vários grupos neonazistas da Europa e Estados Unidos.

Não faria sentido detalhar a imensa rede de mitologias e paranóias investigada e detalhada pelo autor. Basta ressaltar como ele é cuidadoso em se manter distante dela, procurando entender como esses cultos arianos e esse nazismo esotérico fazem sentido para grupos assustados com o declínio do poder branco no mundo. Ou seja, ele entende a racionalidade de quem acredita nesse tipo de coisa, mas sem compartilhar dessa crença, o que é válido. Nesse esforço, é de se destacar o seu cuidado em investigar a origem histórica da literatura que começou a identificar o nazismo como uma conspiração das trevas, a partir, especialmente, de 1945.

Ele demonstra, assim, como, depois de uma primeira fase na França dos anos 1940 e 1950 (o que seria explicável, dado o interesse francês em encontrar uma explicação para a sua derrota de 1940), a identificação do nazismo com o sobrenatural teria se espalhado pela cultura popular e pela indústria cultural do Ocidente nos anos 1960 e 1970. A reapropriação desses mitos pelos neonazistas, a partir dos anos 1980, seria uma nova fase do processo. Mistificado e romantizado como uma religião neognóstica associado à magia negra, isolado de todo o contexto histórico, o nazismo se tornou vendável (especialmente quando associado a Atlântida, discos voadores e outros itens similares) e não apenas para os neonazistas. Os dois primeiros livros aqui resenhados indicam como esse apelo editorial continua a existir.

Para o historiador, é especialmente relevante o cuidadoso trabalho de “desmonte” que ele faz das bases de todas estas mistificações. Em primeiro lugar, ele destaca a todo o momento as motivações reais, práticas, que estiveram por trás de várias atitudes nazistas. Assim, por exemplo, o terror da SS não era simplesmente uma maneira de implantar uma nova “ordem mágica” na Europa, mas de submetê-la ao domínio econômico e político alemão (Goodrick-Clarke, 2004, p. 163-164).

Ele também identifica como vários dos mitos tão caros aos ocultistas tiveram origem simplesmente como peça de ficção literária (como a idéia do *vrii*), depois convertidas em suposta realidade em outros livros. Outros textos fundamentais para a criação da idéia de Hitler como médium, como o de Herman Rauschnig, também teriam sido quase que completamente inventados (Goodrick-Clarke, 2004, p. 143-144).

No mesmo sentido, livros-chave para a literatura nazi-ocultista são analisados criticamente, sendo expostas suas falhas. O influente livro de Trevor Ravenscroft⁵, por exemplo, se basearia numa conversa do autor com o místico Walter Stein, íntimo de Ernst Pretzsche, que teria conhecido Hitler em Viena e confirmado suas leituras de astrologia e simbologia. O problema é que, segundo as fontes disponíveis, Ravenscroft nunca conheceu Stein, este nunca teria visto Hitler, e a figura de Pretzsche teria sido simplesmente inventada (Goodrick-Clarke, 2004, p. 154-156).

Do mesmo modo, a sociedade *Thule* realmente existiu, como um grupo racista que acreditava em mitos arianos. Fundada em 1918, ela provavelmente teve algum papel como foco para círculos nacionalistas e racistas de Munique naquele momento. Também parece haver sinais de que ela apoiou a repressão à Revolução bávara de 1918 e de que alguns membros futuros do nazismo dela fizeram parte. Como fonte de mitos e local de socialização de futuros nazistas, portanto, ela teve um papel histórico, até seu fim em 1925.

O seu papel como núcleo ocultista ou como local onde iniciados como Dietrich Eckart teriam ensinado a magia negra a Hitler ou coisas do gênero, contudo, é questionável. O autor demonstra como Eckart, apesar de ter conhecido Hitler e, provavelmente, ter estimulado o seu anti-semitismo, era figura secundária no nascente movimento nazista. Hitler, além disso, nunca teria ido a uma reunião da *Thule*, e, pelas atas de suas reuniões, percebe-se que o oculto era um mero detalhe frente às preocupações da sociedade com os judeus, o folclore nórdico ou a política do momento (Goodrick-Clarke, 2004, p. 148-152).

Ainda em ligação à *Thule*, menciona-se sempre a famosa viagem de Karl Haushofer, seu fundador, ao

⁴ Como já sugerido por Poliakov (1974).

⁵ Disponível da edição em espanhol, adquirida em Buenos Aires, justamente numa loja de assuntos esotéricos. Ver Ravenscroft (1994).

Extremo oriente em 1908-1910, na qual ele teria forjado uma aliança com as forças ocultas orientais, no Tibete. Seria esta a causa do seu esforço para levar Hitler à conquista do centro da Ásia, para que a Alemanha conquistasse os centros ocultos do poder no mundo. Mas Goodrick-Clarke (2004, p. 148-152) indica como a viagem de Haushofer, muito bem documentada, nunca incluiu visitas ao Tibete e que sua influência sobre Hitler, em si só limitada, foi mais como geopolítico do que como ocultista.

Por fim, ele analisa o mito da “SS mística”. Ele reconhece que Himmler era uma pessoa especialmente interessada no sobrenatural e que tentou levar o máximo possível de simbologia nórdica e ocultista para as suas forças. Também patrocinou empreendimentos como viagens ao Tibete em busca das origens da raça ariana e a criação de uma organização dentro da SS – a *Ahnenerbe* –, para estudos e pesquisas destinadas a justificar a visão racial nazista. Nesta, ao lado de estudos históricos, lingüísticos e genéticos, também havia espaço para pesquisas sobre os cátaros, o Santo Graal, etc.

Ele demonstra, contudo, como, a partir dessa base real, escreveram-se livros e roteiros de filmes (como a série *Indiana Jones*) populares, mas sem nenhum fundamento. Elementos como lamas tibetanos sendo descobertos nas ruas de Berlim em 1945, rituais mágicos dentro da SS e outros, totalmente ficcionais, passaram a ser vistos como realidade e ofuscaram o real caráter de dominação da polícia política nazista. Ou seja, a partir de uma base real, o mito acabou por adquirir tal força que suplanta a sua própria origem (Goodrick-Clarke, 2004, p. 158-162).

Em resumo, o livro de Goodrick-Clarke indica claramente como um historiador treinado pode e deve trabalhar com estes assuntos. É realmente importante recordar que o nazismo efetivamente tinha um padrão de pensamento incrivelmente irracional e que ao menos algumas das suas atitudes durante o seu período de poder, como o

Holocausto, são inexplicáveis pensando apenas em termos lógicos. Os judeus, afinal de contas, não foram massacrados por serem inimigos ameaçadores ou por questões econômicas, mas a partir dos preconceitos, mitos e imagens anti-semitas que povoavam as mentes da liderança nazista.

Assim, entender as origens desse pensamento pode implicar perfeitamente o estudo de organizações e pessoas completamente fora dos nossos padrões de racionalidade, mas que podem ter influenciado as ações e atitudes do Terceiro Reich. Convém, contudo, não perder de vista o bom senso, não desconectando tais idéias do contexto histórico e não as supervalorizando, como se representassem a realidade. Ver o nazismo como resultado da ação de forças arcanas e sobrenaturais e Hitler como o produto de uma conspiração do Inferno pode ser até consolador e simplifica bastante as coisas, mas não nos ajuda a compreendê-los realmente e evitar a repetição do Inferno real que eles criaram na Terra.

Referências

- ANGEBERT, J.-M. 1977. *Hitler e as religiões da Suástica*. Lisboa, Bertrand, 359 p.
- GALLI, G. 1995. *Hitler e il nazismo mágico: Le componenti esoteriche del Reich millenario*. Milano, Rizzoli, 302 p.
- GOODRICK-CLARKE, N. 1992. *The Occult Roots of Nazism: Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology*. New York, New York University Press, 302 p.
- PENNICK, N. 1994. *As ciências secretas de Hitler*. Rio de Janeiro, Record, 204 p.
- POLIAKOV, L. 1974. *O mito ariano*. São Paulo, Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo, 329 p.
- RAVENS-CROFT, T. 1994. *Hitler: La conspiración de las tinieblas*. Madrid, Editorial América, 409 p.

Submetido em: 09/03/2007

Aceito em: 27/09/2007